



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Universitário Santo Agostinho

revista fsa

www4.unifsanet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 23, n. 5, art. 7, p. 124-134, mai. 2026

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2026.23.5.7>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



Zeitschriftendatenbank



A Semiótica do Mestre Frio: Uma Análise da Luta Entre Camus de Aquário e Hyoga de Cisne

The Semiotics of the Cold Master: An Analysis of the Fight Between Camus of Aquarius and Hyoga of Cygne

Thiago Barbosa Soares

Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos

Professor da Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Pesquisador bolsista de produtividade do CNPq

E-mail: thiago.soares@mail.uft.edu.br

Endereço: Thiago Barbosa Soares

Federal do Tocantins, Quadra 109 Norte, Avenida NS15,
ALCNO-14 - Plano Diretor Norte, Palmas - TO, 77001-
090. Brasil.

Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 03/04/2026. Última versão
recebida em 14/04/2026. Aprovado em 15/04/2026.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review
(avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

O presente artigo propõe uma leitura semiótica arquetípica da luta entre Camus de Aquário e Hyoga de Cisne, na série Os Cavaleiros do Zodíaco (Kurumada, 1986), articulando a teoria desenvolvida por Soares em seus estudos sobre a semiótica arquetípica (Soares, 2023a; 2023b; 2024a; 2024b; 2025). A análise evidencia a dinâmica simbólica entre o “mestre frio” e o “discípulo quente”, cuja relação transcende o campo da narrativa e inscreve-se em uma estrutura de sentido de natureza mítica e formadora. A partir da metodologia proposta por Soares (2023a), a luta é examinada como percurso de iniciação, no qual a frieza de Camus não representa apenas uma ausência de emoção, mas o arquétipo da racionalidade absoluta que testa, purifica e refina a chama emocional e vital do aprendiz. O embate, nesse sentido, configura-se como rito de passagem, no qual o calor afetivo e a entrega heroica de Hyoga alcançam, pela dor e pelo sacrifício, a própria transcendência do gelo. Assim, o estudo demonstra como a semiótica arquetípica, aplicada a artefatos midiáticos de grande alcance popular, revela uma densidade simbólica que reatualiza, em narrativas contemporâneas, os mitos de formação e superação que perpassam o imaginário humano desde a Antiguidade.

Palavras-chave: Semiótica Arquetípica. Camus de Aquário Hyoga de Cisne. Cavaleiros do Zodíaco. Mito e Cultura Midiática.

ABSTRACT

This article proposes an archetypal semiotic reading of the fight between Camus of Aquarius and Hyoga of Cygnus in the Saint Seiya series (Kurumada, 1986), articulating the theory developed by Soares in his studies on archetypal semiotics (Soares, 2023a; 2023b; 2024a; 2024b; 2025). The analysis highlights the symbolic dynamic between the "cold master" and the "hot disciple," whose relationship transcends the field of narrative and is inscribed in a structure of meaning of a mythical and formative nature. Based on the methodology proposed by Soares (2023a), the fight is examined as a path of initiation, in which Camus's coldness represents not only an absence of emotion, but the archetype of absolute rationality that tests, purifies, and refines the emotional and vital flame of the apprentice. The clash, in this sense, is configured as a rite of passage, in which Hyoga's affective warmth and heroic surrender achieve, through pain and sacrifice, the very transcendence of ice. Thus, the study demonstrates how archetypal semiotics, applied to media artifacts of great popular reach, reveals a symbolic density that re-actualizes, in contemporary narratives, the myths of formation and overcoming that permeate the human imagination since Antiquity.

Keywords: Archetypal Semiotics. Camus of Aquarius. Hyoga of Cygnus. Knights of the Zodiac. Myth and Media Culture.

1 INTRODUÇÃO

A relação entre mestre e discípulo é, desde as mais antigas narrativas humanas, um eixo simbólico de formação, conflito e transcendência. No universo ficcional de *Os Cavaleiros do Zodíaco* (KURUMADA, 1986), essa dialética assume contornos particularmente intensos na luta entre Camus de Aquário e seu discípulo, Hyoga de Cisne¹, embate que transcende o plano da força física para inscrever-se no domínio do simbólico. Nessa relação, delineia-se o contraste entre o mestre frio e o discípulo quente, isto é, entre o princípio da razão glacial e o ímpeto emocional inflamado, cuja síntese só se realiza na travessia iniciática da dor, da morte e do despertar. Tal oposição não é apenas narrativa, mas estruturalmente semiótica: manifesta-se como tensão arquetípica entre duas forças complementares que organizam, pela linguagem e pelo gesto, os modos de ser e de significar no campo mítico e discursivo.

No arco narrativo das Doze Casas, no qual os Cavaleiros de Bronze precisam superar seus mestres e antecessores para salvar a deusa Atena, o confronto na Casa de Aquário destaca-se por sua natureza explicitamente pedagógica e antagônica. Enquanto outras batalhas são guiadas por ódio ou mal-entendidos, o embate entre Camus e Hyoga é encenado como uma lição necessária e brutal, tornando-o o caso paradigmático para a análise da relação mestre-discípulo na série.

A presente análise toma por base a semiótica arquetípica desenvolvida por Soares (2023a), perspectiva teórica que propõe uma leitura dos signos culturais à luz das matrizes míticas e simbólicas que os atravessam e os constituem. Conforme delineia o autor, essa abordagem permite compreender como as produções culturais, literárias, midiáticas ou audiovisuais, reatualizam arquétipos universais, configurando uma gramática do imaginário que ancora, em profundidade, as formas de sentido no tecido social. Ao articular essa teoria ao universo de *Os Cavaleiros do Zodíaco* (KURUMADA, 1986), busca-se não apenas examinar o jogo de signos em sua superfície estética, antes, compreender os fundamentos arquetípicos que estruturam a narrativa e conferem-lhe potência simbólica duradoura.

A escolha deste corpus, uma obra de animação japonesa de difusão global, justifica-se pela necessidade de ampliar o campo de aplicação da semiótica arquetípica a artefatos culturais de grande alcance social, cujas imagens e personagens inscrevem-se no imaginário coletivo de diversas gerações. Nesse sentido, a luta entre Camus e Hyoga não é meramente

¹ Cabe um rápido destaque: no mangá Camus é o mestre de Hyoga, mas, no anime, com suas modificações, o mestre é o cavaleiro de cristal. Aqui adotamos a perspectiva do mangá.

um episódio de entretenimento, porque envolve um ritual narrativo de iniciação e ruptura, no qual se inscrevem os arquétipos do mestre e do discípulo, do gelo e do fogo, da tradição e da liberdade. A análise aqui proposta, portanto, pretende demonstrar que, sob o rigor da forma e o pathos do combate, opera-se uma complexa economia simbólica, em que a linguagem da luta traduz o drama universal da formação do sujeito, um drama que, na chave arquetípica, é também o drama da humanidade diante do enigma de si mesma.

A decisão metodológica por essa abordagem justifica-se por sua dupla capacidade, conforme demonstrado por Soares (2023a; 2023b; 2024a; 2024b; 2025): primeiro, a de operar uma descrição fina da semiose narrativa, isto é, dos signos em ação na trama; e segundo, a de realizar uma leitura inferencial que compreende verticalmente os arquétipos estruturantes que dão profundidade e ressonância universal à narrativa. Trata-se, portanto, de um instrumental que não se contenta em catalogar elementos discursivos, uma vez que busca explicar a potência simbólica duradoura de obras como *Cavaleiros do Zodíaco*, elucidando por que certas cenas, à primeira vista espetaculares, permanecem no imaginário como experiências formativas, como a aqui estudada.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

A análise proposta ancora-se na proposta teórico-metodológica denominada semiótica arquetípica, cujo escopo, conforme explicitado por Soares (2023a), consiste em “uma articulação teórico-analítica entre a semiótica, *latu sensu*, e a psicologia arquetípica” (SOARES, 2023a, p. 78). Tal formulação explica a adoção de um aparato analítico que não se restringe à descrição formal dos signos, mas busca inscrever a leitura das semioses nas estruturas profundas do imaginário cultural, os arquétipos, permitindo, assim, compreender como personagens e episódios ficcionais reatualizam matrizes simbólicas que estruturam sentidos coletivos.

Soares (2023a) sublinha ainda que o horizonte interpretativo da semiótica arquetípica privilegia o funcionalismo inferencial das semioses: isto é, trata-se de investigar “como as atualizações dos arquétipos funcionam em personagens inseridas em histórias circulantes nos mais diversos âmbitos sociais” (SOARES, 2023a, p. 92). Essa orientação metodológica legitima a leitura do confronto entre Camus de Aquário (mestre frio) e Hyoga de Cisne (discípulo quente) como uma cena simbólica na qual a forma do combate e a iconografia técnica (gestos, golpes, ritmos narrativos) operam como mecanismos semióticos que atualizam, mobilizam e reconfiguram arquétipos clássicos, mestre e discípulo, gelo e fogo,

iniciativa e tradição, no interior de um dispositivo cultural de grande difusão, como é o caso do anime japonês em questão.

A produção de Soares (SOARES, 2023a; 2023b; 2024a; 2024b; 2025) aplica essa matriz analítica a variados artefatos do imaginário contemporâneo, em especial narrativas de anime/mangá, mostrando tanto a fecundidade do método quanto sua capacidade de articular descrição narrativa e leitura arquetípica. Em trabalhos recentes, por exemplo, o autor examina figuras como o criador (Mestre Kame, Kami-Sama) e o bobo da corte (Mr. Satan), demonstrando que a semiótica arquetípica permite revelar a disposição semiótica da personagem consoante às quatro fases constituintes da narrativa e o emprego dos quatro pontos das necessidades básicas de constituição arquetípica (MARK; PEARSON, 2003). Este procedimento, descrição da semiose narrativa mais a semiótica das necessidades arquetípicas, é adotado aqui como matriz heurística para interpretar a luta entre Camus e Hyoga: primeiro, como desenrolar semiótico (sequência narrativa, iconografia técnica, posições e rupturas); depois, como configuração das necessidades/valências arquetípicas que informam a relação mestre/discípulo.

No plano conceitual, a semiótica arquetípica defende ainda uma postura revisionista que distancia o método do tradicionalismo formalista e o direciona ao estudo das atualizações contemporâneas dos arquétipos, conforme Soares (2023a): “a semiótica arquetípica foge ao tradicionalismo formalista para voltar-se ao funcionalismo dos contornos inferenciais, cuja permeabilidade reside nos objetos de apreensão de semioses” (p. 93), como personagens de destaque em obras relevantes para um dado momento. Daí decorre a justificativa epistemológica deste artigo: ao aplicar o arcabouço de Soares (2023a; 2023b; 2024a; 2024b; 2025) a um artefato icônico de abrangência social, *Os Cavaleiros do Zodíaco* (KURUMADA, 1986), pretende-se demonstrar como a cena do mestre frio versus discípulo quente não é um mero conflito psicológico ou espetacular, mas um evento semiótico no qual se reconfiguram saberes, éticas e modelos de sujeição/emancipação inscritos no imaginário cultural.

Portanto, este enquadramento é reforçado pela aplicabilidade demonstrada da semiótica arquetípica em análises específicas do próprio universo de *Cavaleiros do Zodíaco*: ao investigar personagens-arquétipos (por exemplo, a articulação da Sombra em Máscara da Morte), Soares (2025) evidencia que técnicas narrativas e iconografia simbólica funcionam como “testes de morte simbólica e confrontação da consciência” (SOARES, 2025, p. 192), o que estabelece uma ponte direta entre ritual narrativo e travessia iniciática, categoria central para a leitura do embate Camus- Hyoga.

Para conduzir a análise, adotaremos como matriz heurística o modelo inferencial proposto por Soares (2023a), que busca decifrar como os arquétipos "funcionam em personagens inseridas em histórias circulantes nos mais diversos âmbitos sociais" (SOARES, 2023a, p. 92). Para tanto, será realizado um rastreamento semiótico de quatro eixos arquetípicos na cena: 1) a função provocativa do mestre; 2) o espelhamento técnico e simbólico entre as personagens; 3) a morte simbólica como ritual de passagem; e 4) a síntese final das polaridades. Esta decomposição permitirá isolar os signos que atualizam o arquétipo do 'Mestre Frio' na figura de Camus e sua interação dialética com o 'Discípulo Quente', Hyoga.

Cabe ressaltar que a opção por este corpus e por esta cena específica não é aleatória. A luta entre Camus e Hyoga representa um caso limite e, portanto, paradigmático. É no extremo do confronto entre a frieza racional absoluta e o calor emocional incontido que o processo de iniciação revela-se em sua forma mais patente e dramática. Esta escolha permite observar, em estado de concentração, o funcionamento dos arquétipos que, de forma mais difusa, organizam outras relações de maestria no universo da série e em narrativas análogas.

3 ANÁLISE SEMIÓTICA DO CONFRONTO ENTRE CAMUS E HYOGA

A luta entre Camus de Aquário e Hyoga de Cisne, no arco das Doze Casas de *Os Cavaleiros do Zodíaco* (KURUMADA, 1986), constitui um dos momentos de maior densidade simbólica da série. Sob o ponto de vista da semiótica arquetípica (SOARES, 2023b), esse episódio opera como uma narrativa iniciática em quatro fases, chamada, provação, morte simbólica e transfiguração, na qual se inscreve a dialética entre o mestre frio e o discípulo quente, entre o logos glacial da razão e o pathos inflamado do afeto.

A cena inicial da luta apresenta o discípulo diante do túmulo simbólico do mestre. Hyoga atravessa o Santuário determinado a enfrentar o próprio passado, quando se depara com a figura serena de Camus, cujo semblante austero e olhar imóvel já traduzem a semiotização do arquétipo do mestre frio. Ao contrário de outros adversários, Camus não se exalta nem demonstra ódio: “Você ainda não compreendeu o verdadeiro significado do frio, Hyoga. Enquanto for guiado pelas emoções, jamais dominará o zero absoluto” (KURUMADA, 1986).

Nesse momento, conforme a matriz analítica proposta por Soares (2023b), o arquétipo do mentor manifesta-se como signo de negação, cuja função é provocar o deslocamento do herói em direção à interiorização. Assim, Camus encarna o que Soares

(2023b) identifica como a 'função provocativa dos arquétipos estruturantes', cujo papel é fundamental para a narrativa iniciática, pois “resiste à imediatividade do sujeito e o impele à travessia simbólica” (SOARES, 2023b, p. 83). Camus, ao negar a vitória a Hyoga, não se coloca como inimigo, mas como mediador da transformação. O frio, aqui, não é ausência de emoção, mas metáfora da disciplina espiritual.

O combate se intensifica quando Camus utiliza sua técnica máxima, o Pó de Diamante, seguida da Execução Aurora, enquanto o discípulo tenta resistir com o Pó de Diamante e, posteriormente, com a Execução Aurora. A sobreposição das técnicas idênticas, mestre e discípulo usando o mesmo signo, traduz, sob a ótica semiótica, o espelhamento arquetípico.

Como observa Soares (2024a), “a semiose arquetípica funda-se no reflexo especular: o mestre e o discípulo são faces de um mesmo signo em graus distintos de maturação” (p. 9). A sobreposição das técnicas idênticas, ambos utilizando o Pó de Diamante e a Execução Aurora, é a materialização semiótica do que Soares (2024a) define como o 'reflexo especular' inerente à semiose arquetípica. Assim, o frio de Camus não é antagonista do calor de Hyoga, mas sua forma amadurecida; a luta representa o processo de depuração simbólica em que o discípulo aprende a frialdade como linguagem da consciência, isto é, como serenidade de seus sentimentos.

Soares (2024b) argumenta que, em narrativas heroicas, o arquétipo do mentor adquire função “tétrica e didática: a violência ritual que impõe o recolhimento do herói à sua interioridade” (p. 15). Essa dimensão ritual é visível quando Camus aprisiona o discípulo no Esquife de Gelo, símbolo da contenção e da estase. Ao congelar Hyoga, o mestre não o destrói, antes, suspende-lhe a ação para que o desperte no silêncio.

A frieza letal de Camus ao proferir 'Agora você dormirá para sempre nas profundezas do gelo' consuma o ápice do ritual. Este é o momento que Soares (2025), em sua análise da *Sombra em Cavaleiros do Zodíaco*, categoriza como “teste de morte simbólica e confrontação da consciência, no qual o herói é confrontado com o vazio constitutivo do ser” (SOARES, 2025, p. 195). O gelo, portanto, opera como signo duplo: instrumento de destruição e matriz de renascimento. O ponto culminante da narrativa corresponde à morte simbólica do discípulo. Hyoga sucumbe à temperatura absoluta, e Camus, em gesto de aparente crueldade, sentencia: “Agora você dormirá para sempre nas profundezas do gelo”. Essa morte, entretanto, reitera o princípio identificado por Soares (2025), segundo o qual “a cena da morte simbólica funciona como espelho da travessia da sombra, o instante em que o sujeito é confrontado com o vazio constitutivo do ser” (p. 195).

O gelo, nesse contexto, opera como signo duplo: instrumento de destruição e matriz de renascimento. O congelamento do corpo do discípulo corresponde à suspensão de sua impulsividade, condição necessária para o despertar do herói consciente. O arquétipo do mestre frio, portanto, conduz o discípulo à purificação, não pela negação da emoção, mas pela integração da emoção à forma de sua expressão serena, congelada.

Essa leitura encontra eco na formulação de Soares (2024c), quando afirma que “os arquétipos de função pedagógica realizam o percurso entre a emoção primária e a razão simbolizada, instaurando o equilíbrio do ser narrativo” (p. 22). Assim, a morte de Hyoga é um estágio iniciático em que o sujeito abandona o calor caótico para adentrar a consciência gélida da disciplina interior.

A quarta fase, de transfiguração, consuma-se quando Hyoga desperta, ainda no gelo, após rememorar as palavras da mãe morta e do próprio mestre. Nesse instante, a imagem do frio dissolve-se em claridade: o discípulo, antes inflamado, converte-se em um ser que compreende o equilíbrio entre emoção e razão.

Camus reconhece, antes de sucumbir, que o discípulo finalmente compreendeu: “Agora você entendeu, Hyoga. O verdadeiro frio está no coração de quem luta pela justiça.” O signo do frio desloca-se, portanto, do domínio físico para o espiritual, simbolizando a fusão dos contrários.

A narrativa encerra-se, assim, no que Soares (2023b) denomina “síntese das polaridades arquetípicas”, processo em que o herói “não destrói o mentor, mas o integra-se como princípio simbólico de seu próprio eu” (p. 89). Essa fusão encerra o ciclo iniciático da semiose arquetípica: o mestre frio é incorporado pelo discípulo quente, e a luta exterior converte-se em reconciliação interior.

A análise evidencia que a luta entre Camus e Hyoga não constitui um conflito de poder, antes, um rito de passagem simbólico. O frio e o calor, o mestre e o discípulo, configuram-se como signos opostos de um mesmo arquétipo de formação. A semiótica arquetípica, ao permitir a leitura dessa estrutura, revela que o discurso narrativo de *Os Cavaleiros do Zodíaco* (KURAMADA, 1986) elabora uma pedagogia simbólica da alma: o domínio de si como conquista do equilíbrio entre emoção e razão.

Como resume Soares (2025, p. 198), “o arquétipo, quando atualizado em figuras de combate e de instrução, traduz a luta eterna entre o que o sujeito é e o que precisa tornar-se.” O frio do mestre e o calor do discípulo são, portanto, os dois hemisférios de uma mesma consciência mítica, a do herói que, ao vencer o mestre, aprende a ser o próprio mestre de si.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura semiótico arquetípica da luta entre Camus de Aquário e Hyoga de Cisne permite compreender esse episódio de *Os Cavaleiros do Zodíaco* (KURUMADA, 1986) não como simples espetáculo visual, mas como rito de passagem simbólico, estruturado sobre o eixo da formação psicológica individual (espiritual). À luz da semiótica arquetípica, proposta por Soares (2023a, 2023b; 2024a; 2024b; 2025), observa-se que a narrativa atualiza arquétipos universais, mestre e discípulo, razão e emoção, frio e calor, em um jogo de espelhamentos semióticos que traduz a dinâmica da constituição do sujeito.

O percurso de Hyoga evidencia que o arquétipo do discípulo quente necessita atravessar a frieza disciplinar do mestre para alcançar a sabedoria equilibrada do espírito. O frio, signo recorrente e estruturante da narrativa, revela-se menos como ausência de vida do que como símbolo da depuração interior: a temperança que sucede à paixão. Essa transformação traduz aquilo que Soares (2023b, p. 89) denomina de “síntese das polaridades arquetípicas”, momento em que o herói, em vez de destruir o mentor, o integra simbolicamente em si.

A análise demonstrou que o método da semiótica arquetípica é não apenas aplicável, mas altamente produtivo para a leitura de artefatos midiáticos de massa, pois possibilita identificar o funcionamento profundo de narrativas populares que reatualizam, em linguagem audiovisual, os dramas estruturantes da psique humana. Essa aplicabilidade confirma o que o próprio Soares (2024a, p. 10) afirma ao definir a semiótica arquetípica como “uma via metodológica de leitura inferencial das imagens e dos mitos que circulam em produtos culturais de larga recepção”.

Ao interpretar o embate Camus-Hyoga sob essa ótica, percebe-se que a série japonesa atua como um reservatório simbólico coletivo, no qual o imaginário ocidental e o oriental entrelaçam-se na configuração de arquétipos universais. O mestre frio e o discípulo quente são, nesse sentido, representações de uma mesma consciência em luta consigo mesma, metáfora da condição humana, que busca conciliar emoção e razão, impulso e medida, desejo e lei.

Os resultados obtidos validam, pois, a premissa inicial de que a cultura de massa opera como um dispositivo de ressignificação mitopoética. A série não se limita a entreter, uma vez que fornece um repertório simbólico e uma narrativa ritual por meio da qual os sujeitos podem, analogamente, elaborar suas próprias travessias e conflitos internos. A

batalha analisada transforma-se, então, em uma alegoria da maturidade psíquica, na qual a superação do mestre externo corresponde à internalização de um princípio de ordem e disciplina, sem o qual o impulso vital permaneceria caótico e autodestrutivo.

Do ponto de vista teórico, a aplicação da semiótica arquetípica a *Os Cavaleiros do Zodíaco* reafirma sua versatilidade interdisciplinar e sua potência hermenêutica. Ao deslocar o foco da análise da estrutura superficial da narrativa para o campo simbólico e mítico, essa abordagem revela que os produtos midiáticos de massa não se limitam a reproduzir padrões de consumo, mas também elaboram mitos contemporâneos, por meio dos quais as sociedades negociam suas tensões éticas, emocionais e espirituais.

Assim, a luta entre Camus e Hyoga ultrapassa o domínio do entretenimento e ingressa no território do sagrado narrativo. Nela, a semiose do frio traduz a pedagogia simbólica do autodomínio e da renúncia; o gelo torna-se metáfora do espírito que aprende a conter o ardor sem extingui-lo. O resultado é uma imagem arquetípica da maturidade, em que o herói conquista não apenas a vitória sobre o outro, mas sobretudo sobre si mesmo.

Para pesquisas futuras, a presente análise sugere dois caminhos promissores. O primeiro é a análise contrastiva, aplicando a mesma matriz teórica a outras relações de arquetipia no universo dos *Cavaleiros do Zodíaco*, como a dinâmica radicalmente distinta entre o Camus e Hyoga, a fim de mapear a variedade de configurações do arquétipo. O segundo é a exploração transnacional, investigando como o arquétipo do "mestre frio" é atualizado em outras tradições narrativas, ocidentais e orientais, permitindo discernir variações culturais na codificação semiótica deste arquétipo universal.

Portanto, de maneira sintética, o estudo confirma que a semiótica arquetípica, conforme formulada e desenvolvida por Soares (2023a; 2023b; 2024a; 2024b; 2025), constitui um instrumento eficaz para decifrar os discursos simbólicos inscritos nas narrativas midiáticas contemporâneas. Sua aplicação a *Os Cavaleiros do Zodíaco* (KURUMADA, 1986) não apenas amplia o alcance epistemológico do método, mas demonstra que a cultura de massa, longe de ser destituída de densidade simbólica, continua a ser um dos espaços privilegiados de expressão do imaginário humano e de suas infinitas formas de travessia.

REFERÊNCIAS

KURUMADA, M. **Os Cavaleiros do Zodíaco** [Saint Seiya]. Japão: Shueisha / TV Asahi, 1986. Série animada.

MARK, M; PEARSON, C. S. **O Herói e o Fora-da-Lei**: como construir marcas extraordinárias usando o poder dos arquétipos. São Paulo: Cultrix, 2003.

SOARES, T. B. Primeira revisão da semiótica arquetípica: aspectos teóricos e metodológicos. **Acta Semiotica et Linguistica**, v. 29, n. 3, p. 77–95 (e ss.), 2023a. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/actas/article/view/18033>. Acesso em: 10 nov. 2025.

SOARES, T. B. A semiótica do inocente: o funcionamento do arquétipo de Son Gohan em Dragon Ball Z. **Revista Tabuleiro de Letras**, v. 17, n. 1, jan./jun. 2023b. p. 205–218. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/16562>. Acesso em: 10 nov. 2025.

SOARES, T. B. A semiótica do criador: o funcionamento arquetípico de Mestre Kame, Kami-Sama e Senhor Kaioh em Dragon Ball Z. **A MARGem**, Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Letras e Artes, v. 21, n. 1, 2024a. DOI: 10.14393/AM-v21n1-2024-72996. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/amargem/article/view/72996>. Acesso em: 10 nov. 2025.

SOARES, T. B. A semiótica do bobo da corte: uma análise da estrutura composicional de Mr. Satan em Dragon Ball Z. **Revista de Letras Norte@mentos**, v. 17, n. 49, p. 11–27, 2024b. DOI: 10.30681/rln.v17i49.11795. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/norteamentos/article/view/11795>. Acesso em: 10 nov. 2025.

SOARES, T. B. O arquétipo da sombra em Cavaleiros do Zodíaco: uma análise semiótica do Cavaleiro de Ouro de Câncer, Máscara da Morte. **Travessias Interativas**, São Cristóvão-SE, v. 15, n. 34, p. 192–199, 2025. DOI: 10.51951/ti.v15i34.p192-199. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/Travessias/article/view/n34p192>. Acesso em: 10 nov. 2025

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

SOARES, T. B. A Semiótica do Mestre Frio: Uma Análise da Luta Entre Camus de Aquário e Hyoga de Cisne. **Rev. FSA**, Teresina, v. 23, n. 5, art. 7, p. 124-134, mai. 2026.

Contribuição dos Autores	T. B. Soares
1) concepção e planejamento.	X
2) análise e interpretação dos dados.	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X